

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

SILVIA DELLA GIUSTINA

**MEMÓRIA E “RECREAÇÃO”
EM *AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT*, DE DANY LAFERRIÈRE**

Florianópolis

2021

SILVIA DELLA GIUSTINA

MEMÓRIA E “RECREAÇÃO”
EM *AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT*, DE DANY LAFERRIÈRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Francês da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras - Francês. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Rassier

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra

A ficha de identificação é elaborada pelo próprio autor.

Orientações em:

<http://portalbu.ufsc.br/ficha>

SILVIA DELLA GIUSTINA

MEMÓRIA E “RECREAÇÃO”

EM *AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT*, DE DANY LAFERRIÈRE

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Letras” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras-Francês.

Florianópolis, 21 de maio de 2021.

Prof.^a Dr.^a Luciana Rassier
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Luciana Rassier
Orientadora e Presidente da Banca
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Kelley Duarte
Universidade Federal do Rio Grande

Doutoranda Luíza Mazzola
Pós-Graduação em Literatura
Universidade Federal de Santa Catarina

*Pourquoi je me sens si proche, ce soir,
d'un poète mort depuis longtemps?
Si la poésie fascine encore, c'est parce qu'elle fait
trionpher l'émotion du temps.*
(Dany Laferrière - Journal d'un écrivain en pyjama)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Luciana Rassier, que conheci no segundo semestre da graduação e me apresentou a literatura canadense, por mostrar-me os caminhos da pesquisa. Minha imensa admiração por quem você é, por sua organização, competência, profundo conhecimento literário e por tudo que compartilha, não apenas comigo mas com todos os seus alunos e orientandos. Obrigada pelo incentivo e por acreditar no meu trabalho.

Dedico este trabalho à Cecília, Bruno e Alessandro, com quem partilhei minhas leituras durante estes cinco anos de graduação no Curso de Letras-Francês. A todos os estudantes no Brasil, para que acreditem na luta em defesa da universidade pública.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso propõe uma reflexão sobre a obra *Autoportrait de Paris avec Chat* (2018), do autor de expressão francesa das Américas, nascido no Haiti, Dany Laferrière, a partir do conceito de rastros e vestígios memoriais (BERND, 2013) e de livro-recriação (LAFERRIÈRE, 2013). Para isso, em um primeiro momento, aborda-se o percurso de Laferrière, enquanto escritor das Américas e intelectual migrante. Num segundo momento, o foco central é a análise dos fragmentos que formam o *corpus* desta pesquisa e as relações entre palavra-desenho e memória-literatura, fundamentais neste livro. Esta pesquisa tem o intuito, portanto, de contribuir aos estudos canadenses no Brasil, tanto no que se refere, de maneira mais geral, a Dany Laferrière quanto no que se refere, de modo mais específico, à obra *Autoportrait de Paris avec Chat*, ainda inédita em língua portuguesa.

Palavras-chave: Memória. Vestígio. Desenho. Estudos Canadenses. Dany Laferrière.

RÉSUMÉ

Le présent mémoire de conclusion de cours propose une réflexion à propos de l'œuvre **Autoportrait de Paris avec Chat** (2018), de l'auteur francophone des Amériques, né en Haïti, Dany Laferrière, à partir de l'idée de traces et de vestiges mémoriaux (BERND, 2013) et de livre-récréation (LAFERRIÈRE, 2013). Pour ce faire, dans un premier temps, nous nous penchons sur le parcours de Laferrière en tant qu'écrivain des Amériques et intellectuel migrant. Dans un second temps, l'accent est mis sur l'analyse des fragments qui forment le corpus de cette recherche et les relations entre les mots-et-illustrations et la mémoire-littérature, fondamentales dans ce livre. Cette recherche se propose donc de contribuer aux études canadiennes au Brésil, à la fois pour ce qui est de Dany Laferrière, de manière plus générale, mais aussi, plus précisément, pour ce qui est de l'ouvrage **Autoportrait de Paris avec Chat**, toujours inédit en portugais.

Mots-clés: Mémoire. Trace. Dessin. Études Canadiennes. Dany Laferrière.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira capa.....	25
Figura 2 - Quarta capa.....	25
Figura 3 <i>Incipit</i>	31
Figura 4 - A caixa de livros.....	32
Figura 5 – A flor	34
Figura 6 - O diálogo sobre o <i>académicien</i>	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O ESCRITOR E SUA OBRA	14
2.1 Percurso de um “homem-livro”.....	14
2.2 Do escritor de pijama ao autorretrato de Paris: livros-recreação.....	20
2.3 <i>Autoportrait de Paris avec Chat</i> pelos editores e pelo autor.....	22
3 AUTORRETRATO DE PARIS COM UM GATO	23
3.1 “Desenhar é uma forma de escrever”.....	23
3.2 Espaço-literatura-memória: Paris e seus artistas.....	28
3.3 Vestígios e percursos memoriais	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Dentre as disciplinas cursadas durante a graduação de Letras - Francês, já no segundo semestre, em 2017, optei pela disciplina Estudos Canadenses, ministrada pela professora Dr.^a Luciana Rassier. Embora a minha relação com a língua francesa já fosse antiga, tendo passado duas temporadas na França, em que tive a oportunidade de me familiarizar com a língua e a cultura francesas, somente no curso desta disciplina me dei conta da rica produção da literatura de expressão francesa nas Américas. Dentre os textos teóricos abordados, havia as considerações de Will Kymlicka sobre multiculturalismo, a análise panorâmica da literatura quebequense proposta por Patrick Imbert, professor da Universidade de Ottawa, e uma reflexão sobre o conceito de americanidade, desenvolvida pela professora e pesquisadora Zilá Bernd, intelectual de reconhecida trajetória acadêmica, pioneira no Brasil dos estudos quebequenses e pesquisadora no âmbito das relações culturais e literárias interamericanas. Neste artigo, era brevemente evocado o escritor Dany Laferrière. Zilá Bernd afirma estar o conceito de americanidade intimamente associado às questões de identidade, podendo corresponder a um anseio de afirmação identitária mais abrangente, por tratar-se de um desafio de identificação continental. Ela aponta que Dany Laferrière argumenta estar posicionado no “entre-lugar” americano, num lugar de cruzamento, sendo o continente americano um espaço de hibridação (BERND, *Americanidade/Americanização*, p.1 e 15).

Ainda nessa disciplina de Estudos Canadenses, apresentei um trabalho sobre o artista visual quebequense Jean-Paul Riopelle, diante de meu interesse por múltiplas formas estéticas. Em seguida participei de diversas atividades produzidas pelo Núcleo de Estudos Canadenses (NEC-UFSC). Todas essas descobertas me levaram a viajar ao Quebec em julho de 2018. Chegando lá, percebi que as livrarias exibiam em suas vitrines o lançamento do mais recente livro de Dany Laferrière, um livro com desenhos. Lá adquiri algumas de suas obras, as quais fui lendo ao longo da graduação.

Chegado o momento de escolher o objeto do Trabalho de Conclusão de Curso, o estudo sobre a obra *Autoportrait de Paris avec Chat* (2018), de Laferrière se impôs, pois permite refletir tanto sobre narrativa literária e ilustrações, contemplando meu interesse por literatura e artes visuais, quanto sobre a literatura e a cultura das Américas.

Os estudos acadêmicos acerca das obras do autor são numerosos e objetos de pesquisa são dos mais variados, como exemplo, a tese *Exílio e retorno ao país natal em Sergio Kokis e Dany Laferrière*, de Luciano Passos Morais (2014), da UFF, a dissertação *Traduzindo uma obra crioula: Pays sans chapeau de Dany Laferrière*, de Heloisa Caldeira Alves Moreira (2006) da USP, o artigo *L'Extrême Contemporanéité de Dany Laferrière: la fabrique de l'écrivain mondial*, de Kusum Aggarwal (2020), publicada em *Interfaces Brasil/Canadá*, revista da Associação Brasileira de Estudos Canadenses, a dissertação *Genre Autofictionnel et engagement Littéraire chez Dany Laferrière suivi de figurations*, de Samuel Sénécha (2015), da Université du Québec.

Autoportrait de Paris avec Chat é uma obra bastante recente, foi objeto de poucos estudos, e ainda não foi traduzida no Brasil. A pertinência e a contribuição de um trabalho de conclusão de curso em Letras-Francês sobre essa obra ficam, portanto, evidenciadas. Uma das possibilidades evocadas foi elaborar uma tradução comentada de uma parte da narrativa. No entanto, ao reler a obra, observei fortemente a presença de elementos referentes à memória, motivo pelo qual optei por abordar questões a ela relacionadas.

Ao realizar a pesquisa sobre textos teóricos sobre memória, deparei-me com a obra *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros* (2013), da professora e pesquisadora Zilá Bernd, obra ensaística em que se propõe uma releitura da literatura contemporânea das Américas a partir do conceito de rastros. Nessa obra, a autora propõe uma nova forma de leitura e de compreensão do passado de literaturas de migração a partir de vestígios memoriais de três autores de migração: Marie Célie Agnant, Stanley Péan e Dany Laferrière.

Sublinha-se que Zilá Bernd¹ é uma pesquisadora brasileira com reconhecimento no país e no exterior, especialmente por questões abrangentes à Memória Social, Vestígios Memoriais e Memória Geracional, além de temas relativos à Negritude e questões de racismo,

¹ Zilá Bernd recebeu diversos prêmios e distinções, entre eles, a medalha “NOBRE PARCEIRA” do Sr. Embaixador do Canadá, recebeu a Ordem nacional do Quebec no grau de oficial, da Assembléia Nacional do Quebec, recebeu a Ordem nacional do Quebec no Parlamento do Quebec, recebeu o Prix International du Gouverneur Général en Études Canadiennes, recebe o título de Chavalier de l'Ordre National du Québec, conferido pelo Primeiro Ministro da Província do Quebec. BERND, Zilá. Pesquisadora IA CNPq. Prêmios e Distinções. Disponível em: <<http://www.zilabernd.com/premios-e-distincoes>>, Acesso em 26 abr. 2021.

da Literatura Brasileira, do Quebec e do Caribe de língua francesa. Procurei, em um segundo momento, outras obras da pesquisadora, e optei por privilegiar, no âmbito deste trabalho, o *Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e das ciberculturas* (2014), organizado pela pesquisadora, o qual contempla verbetes como Memória e Literatura, Memória e Identidade, Memória e Tempo, Memória Cultural.

Ensina a professora Zilá Bernd que a memória não é propriamente uma disciplina, mas um vasto campo interdisciplinar, motivo pelo qual ela salienta que, nos estudos da Memória, seria a perspectiva transdisciplinar a mais fértil (BERND, 2013, p. 26 e 27). Além disso, Zilá Bernd parte de uma concepção de memória como processo. Não se trata de objetivo a ser atingido, mas algo que se persegue, sempre de forma fragmentária, inacabada, algo que se situa no espaço intervalar entre memória e esquecimento, não como oposições binárias, mas operações necessárias (Idib. p. 25 e 26).

Já no que tange, de modo mais específico, à relação entre memória e literatura, conforme explicita Maristela Tomasini

A relação entre memória e literatura é algo que se apresenta como praticamente evidente, na medida em que toda reconstrução do passado implica na organização de lembranças tomadas, seja de vivências pessoais e coletivas, seja do próprio imaginário, de sorte que a forma como se estrutura o pensamento literário, ora avaliza o imaginário, ora se opõe ao esquecimento, operando uma espécie de resistência (*in* BERND, 2014, p. 125)

Bernd também remete ao poeta e teórico literário quebequense Pierre Ouellet, quando este afirma que “só a literatura pode penetrar nas falhas e desvãos da história e da memória.” (BERND, 2013, p. 47). Partindo dessas leituras, senti-me instigada a refletir sobre *Autoportrait de Paris avec Chat*, sabendo de antemão que a complexidade e a pluralidade dessa obra vão muito além do que o recorte feito no âmbito de um trabalho de conclusão de curso de graduação objetiva. Trata-se de uma primeira abordagem dessa obra complexa, já com vistas a futuros desdobramentos.

Estruturado o trabalho em duas partes, em um primeiro momento apresento a trajetória do autor, incluindo dados biográficos, perpassando por sua produção literária, os prêmios recebidos, a fim de identificar ligações entre sua obra e seu percurso de vida e de escritor das Américas e sua recepção no Brasil. Destaco a crítica da professora e pesquisadora Euridice Figueiredo em face da escrita de Dany Laferrière. Como este autor é recepcionado no Brasil? Interesse-me pelo conjunto de sua obra, suas reflexões sobre o próprio ato de

escrever, suas referências como leitor, bem como sua recepção pela Academia-Universidade e pela Academia Francesa, na qual foi entronizado em 2015. Já na segunda parte apresento um estudo mais analítico sobre esta obra *sui generis*. Faço um recorte do *incipit* e do quinto capítulo da obra do *corpus* e busco compreender a relação entre a memória e a literatura a partir do texto escrito e das ilustrações. Partindo do pressuposto que a ficção é o lugar privilegiado de memória, quais são os vestígios e traços memoriais presentes na obra estudada? Em que medida essa obra seria um “Livro-recreação” (LAFERRIÈRE, 2018) ?

2 O ESCRITOR E SUA OBRA

*On écrit dans la pénombre d'une petite chambre
avec une fenêtre qui donne sur la vie.*
(Dany Laferrière - Journal d'un écrivain en pyjama)

2.1 Percurso de um “homem-livro”

Windsor Klebert Laferrière nasceu em 1953 em Porto Príncipe, capital do Haiti. Passou a infância no povoado de Petit-Goâve com sua avó por razões de segurança, uma vez que seu pai, intelectual e político, foi exilado no período da ditadura de François Duvalier, o Papa Doc. Foi neste povoado, rodeado por montanhas e o mar turquesa do Caribe que Laferrière aprendeu a ler e a escrever, ou seja, onde ele tudo aprendeu e onde teve uma infância feliz: “Foi aqui que aprendi tudo sobre o vôo sedoso da libélula, o cheiro da terra após uma chuva tropical e aquelas minúsculas coisas que estruturaram minha sensibilidade”^{2 3} (LAFERRIÈRE, 2018, p. 114).

O pequeno Vieux Os, apelido dado por sua avó Da, ouvia com curiosidade os contos que eram contados por senhoras para as crianças da vizinhança, que se posicionavam em círculos, histórias essas que se inscreviam na tradição oral. Os livros em casa eram uma raridade, o que tornava para ele as narrativas sagradas.

Aos dezoito anos ele retorna a Porto Príncipe, onde estão sua mãe - arquivista da prefeitura -, sua irmã e tias e inicia sua carreira de jornalista na Radio Haïti Inter e no semanário político-cultural Le Petit Samedi Soir. Como ele tinha recebido o nome do pai, Windsor, e isso se tornara perigoso por designar um homem banido, ele passa a ser chamado de Dany, também seu *nom de plume*. No entanto, falar sobre o cotidiano de uma ditadura o colocou em perigo. Em 1976, aos vinte e três anos, durante a ditadura de Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc e após o assassinato de seu colega Gasner Raymond, o jovem intelectual e jornalista era o próximo da lista. Diante disso, se vê obrigado a partir

²Sempre que houver citação em português no corpo do texto, com original em francês no rodapé, a tradução é minha.

³ original em francês “*C’est là que j’ai tout appris à propos du vol soyeux de la libellule, de l’odeur de la terre après une pluie tropicale et de ces minuscules choses qui ont structuré ma sensibilité*” (Laferrière. 2018, p.114).

abruptamente, assim como seu pai vinte anos antes. Dany Laferrière parte para o exílio aos 23 anos, instalando-se em Montreal, no Canadá.

Nesta nova cidade ele trabalha em diversas fábricas como operário para sobreviver. Enquanto isso, o solitário jornalista exilado, leitor voraz, agora livre, alimenta seu desejo de ser escritor e compra uma velha máquina de escrever Remington 22 - que o acompanha por vários anos e em seus vários futuros romances: “Eu não queria escrever este romance à mão. Eu vivia nessa parte do mundo que fez sua fortuna com a ajuda da máquina. Eu queria ser um escritor contemporâneo, e não um bronco de terceiro mundo ainda na idade da pedra. Era uma velha Remington 22 em bom estado”⁴ (LAFERRIÈRE, 2013, p. 12)

Como fazer amor com um negro sem se cansar, com esse título provocador e estereotipado, Dany Laferrière publica seu primeiro romance em 1985, na província do Quebec. Faz imediato sucesso de público e de crítica. O contexto histórico do Quebec é o pós Revolução Tranquila, conhecido como um movimento de liberação dos costumes, uma modernização do Quebec. O contexto literário, portanto, nos anos 1980, é assim caracterizado pelo surgimento de uma literatura mais conhecida como *migrante*, responsável por uma grande renovação, uma vez que autores vindos de geografias distintas passam a contar suas histórias, em língua francesa, tendo em vista dois horizontes culturais, o do país de origem e o do país de chegada, constituindo uma escritura necessariamente híbrida⁵.

Em 1990, o autor se instala em Miami, com sua mulher e suas três filhas, a fim de se recolher e encontrar o silêncio necessário para desenvolver sua atividade de escritor. Escreve dez romances em dez anos, quais sejam: *L'odeur du café* (1991), *Le Goût des jeunes filles* (1992), *Cette grenade dans la main du jeune nègre est-elle une arme ou un fruit?* (1993), *Chronique de la dérive douce* (1994), *Pays sans chapeau* (1996), *La Chair du maître* (1997), *Le Charme des après-midi sans fin* (1997), *J'écris comme je vis* (2000) e *Je suis fatigué* (2000) e *Le Cri des oiseaux fous* (2000).

4 Original em francês: “*Je ne voulais pas écrire ce roman à la main. Je vivais dans cette partie du monde qui a fait sa fortune à l'aide de la machine. Je voulais être un écrivain contemporain, et non un de ces paysans du tiers-monde encore à l'âge de la roue. C'était une vieille Remington 22 en bon état*” (LAFERRIÈRE, 2013, p.12).

5 BERND, Z. **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino traço, 2013, p.176

Ao retornar ao Quebec, Laferrière decide não mais escrever novos romances. Escolhe revisitar algumas de suas obras anteriores e inicia um processo de reescritura, adicionando novos capítulos, fazendo surgir uma obra densa, o que fascina não só a crítica como também o meio acadêmico. Ele redesenha sua obra criando laços entre os romances até eclodir uma só obra, composta de dez livros, por ele próprio nomeada *Autobiographie américaine*, em que liga o ciclo norte-americano e o ciclo haitiano.

Dany Laferrière volta a escrever novos romances e passa a fazer sucesso com um novo público: a França. Nesse país, suas obras, inicialmente, são publicadas por uma pequena editora, Le Serpent à plume. A partir de 2005 suas obras são publicadas pela editora Grasset. Já no Quebec, as seis primeiras obras foram publicadas pela editora quebequense VLB Éditeur. As outras seis seguintes foram publicadas pela Lanctôt Éditeur, editora de Jacques Lanctôt, que deixa a VLB Éditeur e cria sua própria editora, levando o agora célebre escritor Laferrière junto. Quando a Lanctôt Éditeur é vendida, suas obras passam a ser publicadas pela Éditions de la Bagnole, Mémoire d'encrier e principalmente pela Boréal, todas quebequenses. Até 2020 foram dezenove obras literárias publicadas, tendo Dany Laferrière atuado em dois filmes, um como roteirista (*Haiti -Québec*, 1985) e outro também como diretor (*Comment conquérir l'Amérique en une nuit*, 2004), além de diversas publicações de crônicas e entrevistas em jornais, televisão e rádio.

Suas obras foram traduzidas em pelo menos quinze linguas, dentre as quais, inglês, alemão, espanhol, esloveno. No Brasil, até 2020, foram traduzidas somente duas de suas obras, *Pais sem chapéu*, em 2011, com tradução de Heloisa Moreira - parte de sua dissertação de mestrado pela Universidade de São Paulo - e *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, em 2012, também com tradução de Heloisa Moreira, mas desta vez em parceria com Constança Vigneron, ambos os livros pela Editora 34.

Em seu site, a Editora 34, apresenta o autor como “um dos principais renovadores da rica literatura haitiana” e “um dos principais escritores contemporâneos de língua francesa”⁶. O romance *Como fazer amor com um negro sem se cansar* é apresentado como um “retrato divertido do cotidiano e das fantasias de dois *outsiders*, mas também inédito acerto de contas com a América, combinando altas doses de humor, erotismo, sarcasmo e poesia para dar voz

⁶ Editora 34, São Paulo, disponível em: <<https://www.editora34.com.br/areas.asp?autor=Laferri%E8re,%20Dany>> Acesso em 26 abr 2021.

a esse diálogo intenso, vivo e exuberante que se trava na pele, mas também no imaginário de diferentes culturas”. A propósito do romance *Pais sem chapéu*, obra e autor são apresentados com as seguintes palavras: “à maneira de um pintor primitivo, com traço firme, cores vivas e perspectiva multifacetada, além de extrema inteligência e sensibilidade, ele conta sua perambulação pelas ruas de Porto Príncipe, seu cotidiano singular, pulsante de vida e de morte”.

Com a publicação de *L'Énigme du retour* (2009) recebe o Prix Médicis. Em seguida recebe Grand Prix du livre de Montréal, Prix des libraires du Québec, Combat des livres de Radio-Canada, Prix international de littérature de la Maison des cultures du monde, Grand Prix Luger-Duvernay, Grand Prix des Lycéens du Bénin. Recebe também o título doutor *honoris causa* de diversos institutos e universidades, entre elas École normale supérieure, Middlebury College (EUA) e Paris-Sorbonne, Pierre et Marie Curie, université d'Ottawa e université McGill. Recebe ainda os títulos de Commandeur de la Légion d'honneur, Commandeur des Arts et des Lettres, Commandeur de l'ordre de la Pléiade, Officier de l'ordre national du Québec, Officier de l'ordre du Canada, Compagnon de l'ordre des arts et des Lettres du Québec e Officier de l'ordre de Montréal.

Em 2013, Dany Laferrière é eleito para a Academia Francesa. A Academia Francesa, considerada uma das instituições literárias mais prestigiosas do mundo, foi fundada por Richelieu em 1635. Dany Laferrière tomou posse e foi recebido por Amin Maalouf em 2015. Ocupa agora a cadeira número 2, já ocupada por Montesquieu e Dumas. Na Academia, Laferrière é membro da *Commission du Dictionnaire*, em que estudam questões de terminologia e neologia.

Laferrière é o primeiro haitiano, primeiro quebequense e primeiro canadense a adentrar na *Coupole*. Ainda, é o segundo escritor das Américas, depois do argentino Hector Bianciotti e segundo negro, depois do poeta senegalês Léopold Sédar Senghor. Ao apresentar a biografia de Laferrière, a Academia destaca seu percurso de jornalista, cronista, romancista, ensaísta, diretor de cinema, ou seja, um artista bastante plural e já aclamado pelo público e crítica, como um intelectual consagrado, destacando um a um os prêmios e títulos recebidos. Ao relatar cada ciclo de vida, relaciona os títulos correspondentes de suas obras ficcionais. Destaca, também, sua paixão pela leitura, nomeando de homem-livro⁷.

⁷ Original em francês: “l'homme-livre”.

Seguindo as tradições institucionais, o escritor Amin Maalouf, recebe Dany Laferrière na Academia Francesa em 2015, com sua resposta ao discurso proferido. Escolhido talvez não por acaso, Maalouf também é um membro da Academia não nascido na França. Nascido no Líbano, escritor de romances, ensaios e libretos de ópera, entre eles *O Rochedo de Tânios*, vencedor do prêmio Goncourt, migrou para França quando a guerra eclodiu em seu país natal.

Com seu olhar e sensibilidade singulares, Maalouf conta a história do Haiti e da vida de Laferrière, demonstrando ter lido todos seus livros atentamente: “Tantas afinidades! Tantas reminiscências! Tantas paixões recíprocas! Tanta fidelidade!”⁸

Maalouf profere elogios ao colega, destacando seu caráter transgressor, na medida em que através de sua literatura ele desmonta os clichês, ele recusa o papel que lhe é atribuído pelo nascimento, pelas suas supostas crenças: “Você está certo! O mundo seria triste se todos se fechassem em seus papéis, se todos regressassem obedientemente às fileiras de sua própria tribo, adotando suas posturas, conformando-se com suas aparências, apenas indignados com sua indignação”⁹. Finaliza, salientando a importância de terem em mente a importância da necessidade do encontro de sua geração com a história, encontro esse que não se pode faltar.

Segundo Euridice Figueiredo, professora e pesquisadora de Literaturas Francófonas da Universidade Federal Fluminense, Dany Laferrière usa o humor como arma estética e identitária para marcar a consciência aguda de indivíduos subalternizados por injunções histórica, ao se depararem com a defasagem existente entre o que seu espírito livre deseja e uma auto-imagem deformada e caricatural que o espelho da sociedade lhes mostra (FIGUEIREDO, 2005, p. 253). Ela acrescenta, ainda, que o escritor recusa as etiquetas tanto como escritor migrante ou étnico, no âmbito da literatura do Quebec, quanto de autor antilhano, dizendo não apreciar rótulos de criouliização ou criouliidade, assim como não quer

Les quarante aujourd’hui: 35 membres, **Académie française**, Paris, disponível em: <<https://www.academie-francaise.fr/les-immortels/dany-laferriere?fauteuil=2&election=12-12-2013>>. Acesso em 26 abr 2021.

⁸ original em francês “*Tant d’affinités! Tant de réminiscences! Tant de passion réciproque! Tant de fidélité!*”. MAALOUF, Amin. Réponse au discours de réception de Dany Laferrière..**Académie française**, Paris. 2015. Disponível em: <<https://www.academie-francaise.fr/reponse-au-discours-de-reception-de-dany-laferriere>>. Acesso 26 abr 2021.

⁹ original em francês “*Vous avez bien raison! Le monde serait triste si chacun s’enfermait dans son rôle, si chacun regagnait docilement les rangs de sa propre tribu, adoptant ses postures, se conformant à ses apparences, s’indignant seulement de ses indignations*”.

ser vinculado nem à chamada francofonia (portanto, à França), nem à África, que ele diz não conhecer direito (FIGUEIREDO, 2005, p. 256).

Laferrière se propõe a ser um escritor americano, buscando assim fugir de qualquer classificação que o enclausure em um gueto: “É simples: eu quero a América. Nada menos... Quero tudo: o bom e o mau, o que é para jogar fora e o que é para guardar, o que é feio e o que é bonito. A América é um todo” (LAFERRIÈRE, 1985, p. 29). Ao ser questionado por uma jornalista do *Le Monde* sobre qual a língua que ele escrevia, Dany Laferrière responde em uma crônica: “A língua literária”¹⁰. E emenda que ele escreve na língua do leitor que está o lendo, somente usando as palavras em francês. E para provar que ele pode escrever em francês em todas as línguas do mundo, ele intitulou um de seus romances de *Je suis un écrivain japonais* (2008).

Diante disso, indago-me, em que medida esses elementos apontados por Maalouf e Figueiredo, a saber, a recusa do “lugar comum” e do determinismo do nascimento ao colocar a nu o estereótipo, por meio do humor contundente e reflexivo, podem ser identificados em *Autoportrait de paris avec chat*.

2.2 Do escritor de pijama ao autorretrato de Paris: livros-recreação

Assim como Dany Laferrière segue um percurso biográfico transdisciplinar, perpassando pelo diário (*journal*), romance e o cinema, bem como pelo fato de recusar rótulos limitadores, apontando para uma aspiração poética de identidade mais ampla, que corresponde melhor à sua vida em trânsito – Haiti, Quebec, Miami, Paris – as obras do autor também não são de fácil definição. Este é o caso de uma das obras de maior sucesso de venda e público, *Le Journal d'un écrivain en pyjama* (2013).

Aparentemente, *Le Journal d'un écrivain en pyjama*, não se trata de uma ficção ou narrativa, nem de um romance, sequer um ensaio. Ele escolhe o título de diário (*journal*), inobstante não ser dividido em dias. Reflexões sobre a leitura e a escrita. Trata-se de um livro, em forma de duzentos e dois fragmentos, entre confissões e sugestões sobre o ato de ler e escrever, talvez lembrando crônicas, porém podendo ser lido como um romance - com pequenas pausas na leitura entre os fragmentos -, pois Laferrière repete cenas de seus outros

¹⁰ original em francês “*La langue littéraire*”. LAFERRIÈRE, Dany. C’EST LA QUESTION QUI IMPORTE, *Le Monde*, 2010. Disponível em : <https://www.lemonde.fr/livres/article/2010/03/25/c-est-la-question-qui-importe-par-dany-laferriere_1324224_3260.html>. Acesso 26 abr 2021.

textos, como a história de sua velha máquina de escrever Remington 22 ou o aroma das bananas e mangas muito maduras que ele sente ao abrir a porta de casa.

Atenho-me a três temas brevemente desenvolvidos em *Le Journal d'un écrivain en pyjama*, sob os seguintes títulos: *La bibliothèque de l'écrivain*, *Une exigence quotidienne* e *La mémoire de l'enfance*.

“Um livro é feito de muitos livros”¹¹ anota o autor em *La bibliothèque de l'écrivain*, uma vez que ele defende que os livros que lemos continuam por muito tempo operando em nós e eles nos formam de certa maneira. Acrescenta que não é de se surpreender que se encontre traços dos livros lidos nos seus livros escritos, posto que nenhum escritor é uma ilha, ainda que alguns desses traços passem incógnitos. O autor sublinha que ao ler atentamente um escritor, pode-se retrçar suas escolhas literárias, fato que alegra o leitor, de ver evocar os livros que se gosta por um escritor que se admira (LAFERRIERE, 2013, p.145).

No fragmento *Une exigence quotidienne*, o autor sugere que o jovem escritor deveria ler todos os livros de um escritor que admira, para perceber que nem todas suas obras são obras capitais, pois há o chamado “livro-ponte”¹², aquele escrito após outro livro escrito sobre um longo período de vida, como a infância, que está num espaço entre dois momentos, entre dois tempos do escritor. Afirma que há também o “livro-recreação”¹³, o livro em que o escritor quer reencontrar o prazer de escrever como se fosse uma criança que passa o tempo pintando em seu caderno no seu canto (Ibid, p. 147), em que não quer nada provar e nada convencer, e que apraz o leitor muito mais que seus outros romances mais importantes. Entretanto, ele destaca que é um livro que não pode existir sozinho, mas que precisa dos outros para ser compreendido (Ibid, p. 147).

O escritor, ainda, coloca em evidência a relação da memória e da escrita em *La mémoire de l'enfance*, ao afirmar que a memória é como um banco onde se faz constantemente saques e depósitos, funcionando também como um instrumento de trabalho tal qual um lápis, uma máquina de escrever ou um computador. Menciona que às vezes, mesmo sem saber, algumas ondas de lembranças aparecem sem nenhum esforço, enquanto que às vezes ela está escondida na sombra, tal qual um felino pronto a saltar sobre a página

11 original em francês “*Un livre est fait de beaucoup de livres*”. (LAFERRIERE, 2013, p. 145)

12 original em francês “*livre-pont*” (LAFERRIERE, 2013, p. 146).

13 original em francês “*livre-récréation*” (Ibid, p. 146).

branca, em que é necessário procurar o fio e depois puxá-lo. Porém, destaca que a infância é lembrada não para ser analisada, mas para ser revivida, para se reencontrar o frescor dos primeiros gestos (Ibid, p. 158, 159). Em que medida *Autoportrait de Paris avec chat* seria um livro-recreação?

2.3 *Autoportrait de Paris avec Chat* pelas editoras e pelo autor

Autoportrait de Paris avec Chat foi publicado no Quebec pela editora Boréal e na França pela Grasset, concomitantemente.

Editora Boréal revela a expectativa da chegada do primeiro livro de Laferrière como *académicien*¹⁴. Apresenta o livro como uma obra com texto e desenho, mas que não é uma história em quadrinhos, sequer um romance gráfico, mas sim um romance-romance, escrito e desenhado inteiramente à mão¹⁵. Detalha a obra como uma Paris que se retrata com as palavras e imagens de Dany Laferrière, uma vez que Paris é um lugar na literatura, é um espaço de ficção. Um lugar em que os escritores convergem nas suas ruas e seus cafês, mesmo os escritores do passado. Em Saint-Germain-des-Prés o leitor encontra alguns dos romancistas da América Latina fugidos da ditadura. Testemunha-se Aimé Césaire, Damas et Senghor debatendo sobre a negritude. Laferrière também deixa Paris por um curto período antes de adentrar na Coupole e revisita Montreal e o Haiti. Há também um gato nesta história e a editora instiga a curiosidade do leitor: “Quanto ao gato, o que ele faz ali? Você lhe perguntará. Você verá, ele não tem papas na língua”¹⁶.

A editora Boréal reproduz, ainda, treze críticas publicadas pela imprensa canadense, permeadas pelos termos lúdico e erudito, criativo e artístico, audacioso, desestabilizante, de uma grande liberdade. A obra agradou a imprensa, em especial por provocar a observação, decifração, busca da origem do traço, virando-o muitas vezes de cabeça para baixo, ou seja, mais uma obra de Laferrière que desconcerta o meio literário. Chantal Guy, de La Presse, destaca que é um livro que nos obriga a dar as costas a um mundo digital que nos vampiriza.

14 Nome dos membros da Academia Francesa, a partir de 12 fev 1635. Anteriormente era “*académiste*”.

15 LIVRES ILLUSTRÉS AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT, **Les Éditions du Boréal**. Montreal. Disponível em <<https://www.editionsboreal.qc.ca/catalogue/livres/autoportrait-paris-avec-chat-2598.html>>. Acesso em 26 abr 2021.

16 Original francês “*Quant au chat, qu’est-ce qu’il vient faire là-dedans? Vous lui demanderez vous-même. Vous verrez, il n’a pas la langue dans sa poche.*”

Por sua vez, a editora Grasset, afirma ser o romance mais singular de Dany Lafferrière, que guiados pela sua mão, suas letras e suas cores, penetramos numa Paris à sua imagem, uma Paris que de certa maneira é ele mesmo. Que o narrador vai descobrindo a cidade e os leitores o acompanham ao encontro daqueles que fizeram sua glória, inclusive dos estrangeiros dos quais ela também se alimenta. E não deixa de chamar a atenção para um gato: “Quem é esta misteriosa gata de casaco rosa que chega na casa do narrador à meia-noite?”¹⁷

Dany Laferrière, em entrevista para a televisão francesa, quando do lançamento *Autoportrait de Paris avec Chat* afirma que escrever este livro foi como tirar umas férias¹⁸, pois fez algo que não sabia fazer, fez algo novo. Não sabia desenhar, nem escrever à mão e, com isso, reencontrou sua infância. Criou um gato que não bebe leite, mas vinho tinto, um gato filósofo, misterioso. Ao ser questionado sobre o gênero da obra, ele responde: é um livro. Não é um romance, nem um ensaio, portanto, ele gostaria que fosse entendido como uma forma estética, ligado ao seu interior. Em outro vídeo, agora para uma livraria, também no ano de lançamento do mesmo livro, Laferrière afirma que escreve para sair da rotina, para correr risco na vida ao questionar seu *savoir-faire*¹⁹. Ele acredita que a literatura é um poema, ou seja, que ela chega pela surpresa e esta surpresa chegou para ele desta forma: escrita à mão e com um gato.

17 Original em francês: “*Qui est cette mystérieuse chatte en manteau rose qui arrive chez le narrateur à minuit?*” ROMAN FRANCOPHONES AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT. Editions Grasset Paris. Disponível em: <<https://www.grasset.fr/livres/autoportrait-de-paris-avec-chat-9782246815839>>. Acesso em 26 abr 2021.

18 LE ROMAN DESSINÉ DE DANY LAFERRIÈRE. La Grande Librairie. France Télévisions. 23 mar 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6XnGcutBeEI>> tempo de duração 12:53. Acesso em 26 abr 2021.

19 DANY LAFERRIÈRE VOUS PRÉSENTE SON OUVRAGE “AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT, AUX ÉDITION GRASSET. Librairie Mollat. 27 jul 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=br-004DcmKs>> tempo de duração 2:28. Acesso em 26 abr 2021.

3 AUTORRETRATO DE PARIS COM UM GATO

*Cet air renfrogné, ces sourcils froncés,
ces petits yeux de félin:
c'est un écrivain sur la piste d'une émotion.*
(Dany Laferrière - Journal d'un écrivain en pijama)

3.1 “Desenhar é uma outra forma de escrever”.

Depois de seu itinerário de haitiano exilado, passando pelo Quebec, Miami, agora Dany Laferrière se instala em Paris para escrever um novo livro. Um livro desenhado por um escritor que não sabe desenhar. Tentar fazer o que não se sabe fazer, em Paris, na cidade mais escrita do mundo. Dany Laferrière conhece a Paris representada por Hemingway, Baudelaire, Balzac e tantos outros, mas agora cria a sua.

Mais do que um livro sobre os lugares da capital, é um livro sobre os artistas que por lá passaram, escritores de todas as partes do mundo e de todas as épocas. Além do escritor-narrador, um outro personagem é um gato, que com ele dialoga. O escritor-narrador conta ao gato, por exemplo, que ele viu o escritor André Malraux em Porto Príncipe em 1975 (LAFERRIÈRE, 2018, p. 103-108). O livro pode ser considerado como um diário, em que o Laferrière-Vieux-narrador recompõe, de maneira fragmentária, fatos vividos, por exemplo, seu périplo para encontrar os livros de seu antecessor na Academia Francesa, Hector Bianciotti (Idib. p. 83).

O livro é finalizado com a narrativa de um diálogo no metrô, com um provável leitor: “Você vai nos escrever um grande livro de *académicien*, eu espero”²⁰ (Ibid., 2018, p. 314). Este diálogo que encerra o livro, indica uma expectativa em torno de um escritor que acaba de obter uma consagração. No entanto, *Autoportrait de Paris avec chat* é um livro que não corresponde ao formato habitual, canônico. Em que sentido o livro recusa a corresponder a essa expectativa?

A análise de elementos paratextuais já traz elementos bastante instigantes. A primeira (Fig. 1) e quarta (Fig. 2) capas têm fundo branco, escritas em vermelho ou preto, com

²⁰ Original em francês: “Tu vas nous faire un grand livre d'académicien, j'espère” (LAFERRIÈRE, 2018, p. 314).

desenhos elaborados em preto e coloridos com cores fortes. Os desenhos são simples, quase infantis, em cores primárias ou secundárias.



Figura 1 - primeira capa

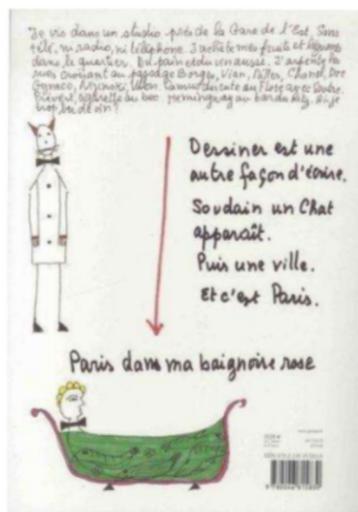


Figura 2 - quarta capa

Na primeira capa, abaixo do nome do autor e do título escritos em vermelho, um homem e um gato, os dois de gravatas borboleta, sentados diante de uma mesa tomando vinho. São os dois personagens, Vieux (apelido de infância do escritor) e o Gato (que não bebe leite, mas vinho tinto), que dialogam durante toda a história

Nota-se que o homem da capa tem os cabelos pintados de amarelo, é um homem loiro. Por que o iminente *académicien*, apenas o segundo negro a adentrar na Academia, se representa como um homem branco e loiro? Essa imagem do narrador-escritor não corresponde à imagem que se espera em um texto autobiográfico, não obstante a chave de leitura para uma obra autobiográfica ter sido dada já no paratexto, abaixo da ficha catalográfica, num diálogo entre o gato e o escritor, que é chamado pelo mesmo apelido de infância, Vieux, em que é questionado se o livro é de sua autoria e ele responde afirmativamente (LAFERRIÈRE, 2018, p. 6). Não bastasse isso, todo o percurso do escritor Dany Laferrière e do personagem-narrador-escritor Vieux se entrecruzam, como o nascimento físico no Haiti, o nascimento como escritor no Quebec, os livros preferidos, os autores preferidos, até a eleição do escritor à Academia Francesa. Isto é, as relações entre

